

AS LÍNGUAS INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Edmar Neves da Silva

edmneves@gmail.com

Departamento de Letras - UFSCar (DL)

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil

RESUMO

Com um programa de Ações Afirmativas que garante uma vaga anual para candidatos indígenas em todos os cursos da graduação, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) tornou-se referência nacional no acesso dos povos indígenas do Brasil ao ensino superior. Atualmente a UFSCar conta com 150 estudantes indígenas de várias etnias em seus quatro campi. Assim, a Universidade sofreu um impacto extremamente positivo com as Políticas de Ações Afirmativas, tornando-se um grande polo de diversidade cultural e linguística. O presente artigo apresenta um perfil geral dos estudantes indígenas da UFSCar e um mapeamento das línguas indígenas faladas por esses estudantes.

Palavras-chave: Políticas linguísticas; Línguas indígenas; Educação indígena; Ações Afirmativas; Ensino superior.

THE INDIGENOUS LANGUAGES AT UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

ABSTRACT

With an affirmative action program that guarantees one annual vacancy for indigenous candidates in all of undergraduate courses, the Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) has become a national reference in the access of Brazilian indigenous people to higher education. Currently UFSCar has 150 indigenous students from various ethnicities at its four campuses. Thus, the university has had an extremely positive impact with affirmative action policies, becoming a major pole of cultural and linguistic diversity. This article presents a

general profile of UFSCar's indigenous students, and a mapping of the indigenous languages spoken by them.

Keywords: Language policies; Indigenous languages; Indigenous education; Affirmative Actions; Higher education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte que apresenta os resultados e discussões de uma pesquisa de Iniciação Científica, com bolsa CNPq PIBIC, vigência 2016/2017, intitulada “Novas realidades na universidade brasileira: a diversidade de línguas indígenas na UFSCar”, cujo objetivo foi fomentar um instrumento de diagnóstico da diversidade linguística dentro da universidade que favorecesse possíveis ações para contribuir com a permanência dos estudantes indígenas na universidade.

Para realizar o mapeamento das línguas indígenas faladas pelos estudantes da UFSCar, fez-se necessário estabelecer um contato direto com a Pró-reitoria de Graduação (ProGrad) e com o Centro de Culturas Indígena (CCI), entidade formada por estudantes pelos estudantes indígenas, já que essas duas entidades possuem a capacidade de congregar informações e demandas dos estudantes indígenas. Com a Coordenadoria de Ingresso na Graduação da ProGrad obtivemos acesso ao Questionário Socioeducacional, presente na ficha de inscrição dos candidatos ao Vestibular Indígena, a partir do ano de 2009 – ano de ingresso 2010. Também tivemos acesso a um questionário *online* aplicado pelo CCI, cujas informações coletadas foram utilizadas para complementar os dados obtidos no Questionário Socioeducacional da ProGrad.

Compõem nosso corpus de análise as informações dos questionários que foram respondidos pelos estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação no 2º semestre de 2016, momento em que iniciamos nossa pesquisa, partindo dos estudantes que se inscreveram no Vestibular Indígena do ano de 2009.

O PERFIL GERAL DOS ESTUDANTES INDÍGENAS DA UFSCAR

[Escreva aqui]

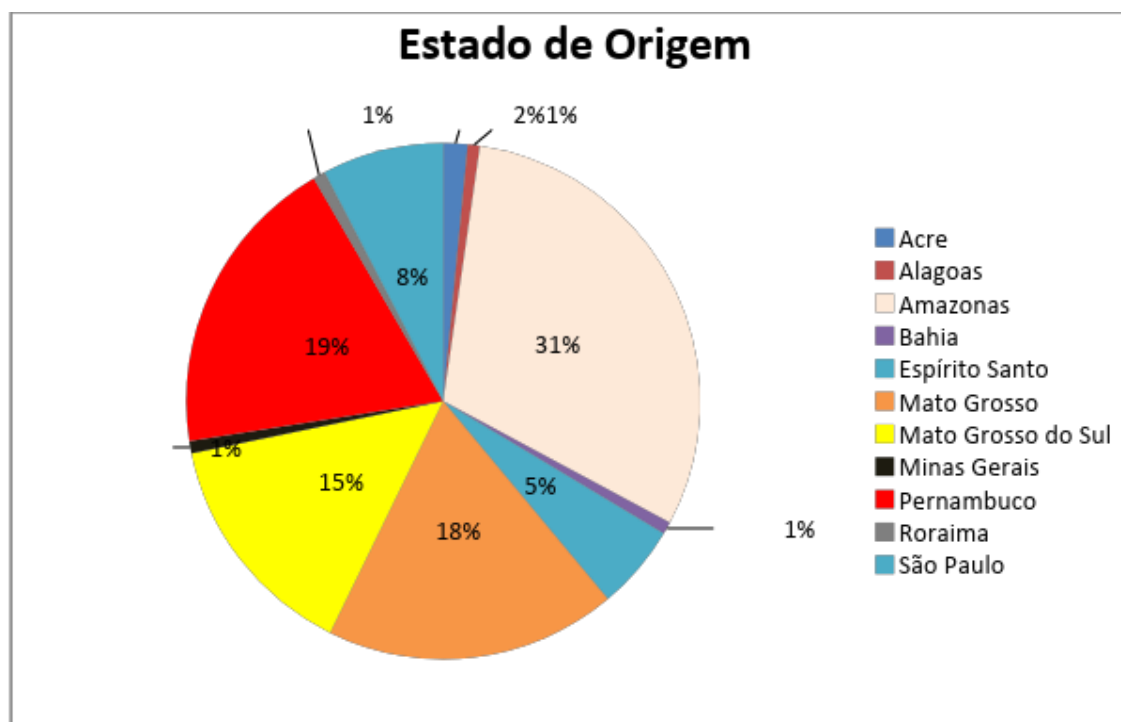
Dado o corpus de análise, foram coletados dados de 131 estudantes indígenas, pertencentes a 36 povos diferentes. Segue a lista completa que inclui o número de estudantes de cada etnia:

Povo	Número de estudantes
Apurinã	1 estudante
Arapasso	1 estudante
Atikum/Umã	10 estudantes
Bakairi	5 estudantes
Balatiponé/Umutina	8 estudantes
Baniwa	3 estudantes
Baré	5 estudantes
Desano	2 estudantes
Guarani Mbya	1 estudante
Irantxe	1 estudante
Kaingang	1 estudante
Kayabi/Kawaiwete	1 estudante
Kaxinawá	1 estudante
Kokama	2 estudantes
Krenak	1 estudante
Machineri	1 estudante
Marubo	1 estudante
Omugua/Kambeba	8 estudantes
Paiter Suauí	1 estudante
Pankara	2 estudantes
Pankararu	12 estudantes
Pataxó	1 estudante
Piratapuia	3 estudantes
Rikbaktsa	1 estudante
Tariana	5 estudantes
Terena	24 estudantes
Tikuna	3 estudantes
Tukano	4 estudantes
Tupiniquim	7 estudantes
Tuyuka	1 estudante
Wanama	1 estudante
Wassú Cocal	1 estudante
Werekena	1 estudante
Xacriabá	1 estudante
Xavante	8 estudantes
Xukuru do Ororubá	2 estudantes

Fonte: elaboração própria, com base no Questionário Socioeducacional da ProGrad.

O povo Terena possui o maior número de representantes que estavam regularmente matriculados nos cursos de graduação entre os anos de 2010 e 2016, com 24 estudantes, em segundo lugar, o povo Pankararu com 12 representantes, e em terceiro, os Atikum/Umã, totalizando 10 estudantes regularmente matriculados. É importante ressaltar que 18 povos têm somente 1 representante regularmente matriculados nos cursos de graduação, o que pode gerar uma série de dificuldades para esses estudantes, afinal, ter laços familiares e/ou culturais, no âmbito universitário, pode ser vital para garantir a permanência desses povos em um ambiente que muitas vezes é extremamente diferente de suas realidades.

Esses estudantes são oriundos de 11 Estados brasileiros diferentes, como pode ser visto no seguinte gráfico:



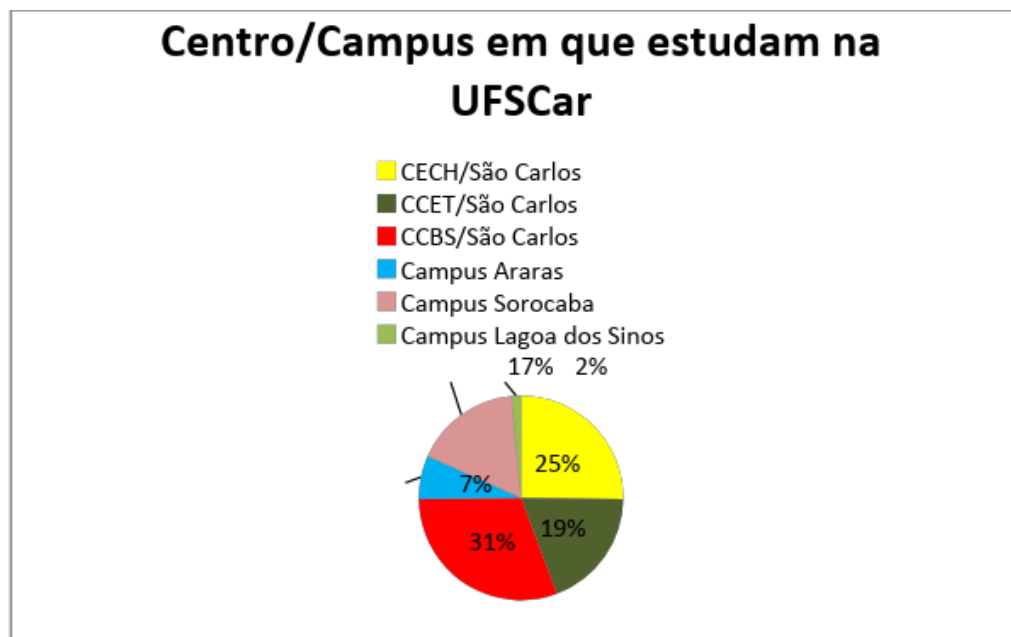
Fonte: elaboração própria, com base no Questionário Socioeducacional da ProGrad.

O Estado do Amazonas é o que possui mais representantes, somando 40 estudantes regularmente matriculados que tiveram os dados levantados. Em segundo lugar temos o Estado do Pernambuco, com 25 estudantes. Respectivamente temos o Estado do Mato Grosso com 24 estudantes, Mato Grosso do Sul com 19 estudantes, São Paulo com 10 estudantes,

[Escriba aquí]

Espírito Santo com 7 estudantes, Acre com 2 estudantes e Alagoas, Bahia, Minas Gerais e Roraima, todos com 1 estudante.

No gráfico abaixo, temos a distribuição dos estudantes indígenas pelos centros que alocam os departamentos dos cursos de graduação, no caso do campus de São Carlos, que são o Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) e o Centro de Ciências Exatas e de Tecnologia, assim como os campi de Araras, Sorocaba e Lagoa do Sino.



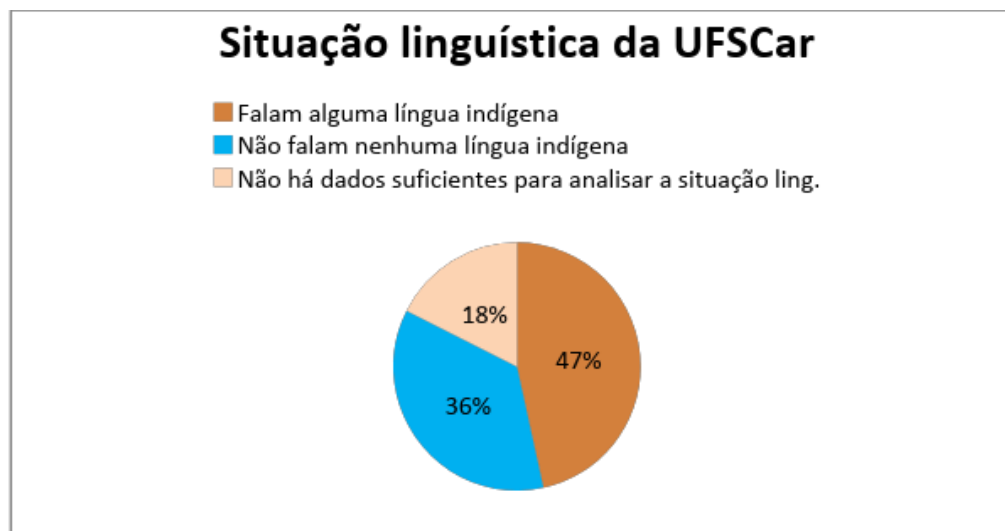
Fonte: elaboração própria, com base no Questionário Socioeducacional da ProGrad.

Sobre a distribuição dos estudantes indígenas nos cursos de graduação¹, vemos que a maior parte dos estudantes, 40 ao todo, estão matriculados em cursos cujos departamentos são abrigados no CCBS. Esse número se reflete no fato de que os cursos que possuem mais estudantes matriculados são os cursos de Educação Física (Licenciatura e Bacharel) e Medicina, ambas com 7 estudantes. O CECH é o segundo centro a abrigar cursos com mais estudantes matriculados, totalizando 33 estudantes, em terceiro temos o CCET, com 25 estudantes, o campus de Sorocaba possui 22 estudantes regularmente matriculados, no campus de Araras há 9 estudantes e por fim o campus Lagoa do Sino, com 2 estudantes.

Uma constatação importante é a de que há um grande interesse por parte desses estudantes nos cursos de graduação de diversas áreas do conhecimento, não se limitando apenas a cursos de licenciatura e de áreas restritas da saúde, áreas nas quais normalmente são abertos cursos ou vagas destinadas para esse público.

O PERFIL LINGÜÍSTICO DOS ESTUDANTES INDÍGENAS DA UFSCAR

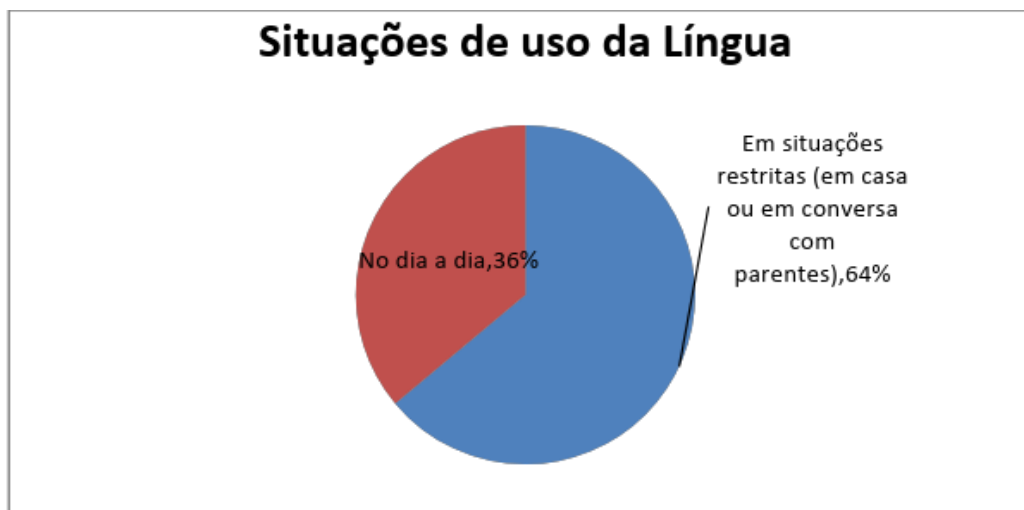
Dos estudantes indígenas da UFSCar, quase metade deles afirmam falar alguma língua indígena, como mostra o gráfico a seguir:



Fonte: elaboração própria, com base no Questionário Socioeducacional da ProGrad e no questionário do CCI.

Como é visto no gráfico, 47%, ou seja, 61 estudantes declararam falarem alguma língua indígena, o que demonstra a riqueza linguística e a gama de possibilidades de estudos e pesquisas que podem ser feitos a respeito das línguas indígenas dentro da UFSCar. Tendo em vista que apenas 39 dos 131 estudantes indígenas que tiveram os dados levantados afirmaram que aprenderam primeiro uma língua indígena no âmbito familiar, os dados apresentados abaixo ajudam a tecer uma análise a respeito da situação linguística da Instituição, mostrando em que situação os estudantes que declararam usar alguma língua indígena a utilizam:

[Escreva aquí]



Fonte: elaboração própria, com base no Questionário Socioeducacional da ProGrad e no questionário do CCI.

Com base no gráfico, há um número reduzido dos estudantes da UFSCar que declara utilizar sua língua em situações cotidianas de comunicação. Para a composição de uma tabela que nos dê um diagnóstico das línguas indígenas faladas na UFSCar, foi utilizado a *Classificação das Línguas Indígenas do Brasil*, presente como apêndice em Seki (2000) e o *Atlas de las lenguas del mundo en peligro* (ALP), da UNESCO (2010), que em sua *Introdução* (MOSELEY, 2010, pg. 11 e 12), classifica como **Vulneráveis**, os casos em que a língua materna é a primeira língua da maioria das crianças ou das famílias de uma determinada comunidade, porém, não é a língua utilizada por todos os membros dessa comunidade e muitas das vezes se limita situações e âmbitos sociais específicas. São consideradas línguas **Em perigo** quando os falantes mais jovens são os adultos. Nesses casos as crianças até aprendem a sua língua materna fora do âmbito domiciliar, mas quando algum adulto se dirige a elas nesse idioma, elas respondem em outro. Estão **Seramente em perigo** as línguas que só os representantes mais idosos do povo falam, mesmo que os adultos entendam essas línguas, as crianças já não a compreendem. As línguas **Em situação crítica** também têm como principais falantes os representantes mais idosos do povo, todavia, esses anciões se recordam somente de parte da língua e não a utilizam de maneira rotineira, pois há poucas pessoas com quem conversar. Uma língua é considerada **Extinta** quando não há mais falantes e nenhuma possibilidade de recordá-la. Abaixo a lista de línguas indígenas faladas na UFSCar:

Língua	Tronco	Família	Vitalidade da língua (ALP)	Numero de estudantes falantes
--------	--------	---------	----------------------------	-------------------------------

Apurinã	Macro-Jê	Aruak	Em perigo	1
Bakairi	Macro-Jê	Karib	Vulnerável	4
Baniwa/Curipaco	Macro-Jê	Aruak	Vulnerável	3
Cambeba/Omagua	Tupi	Tupi-Guarani	Em situação crítica	2
Kaxinawá	-	Pano	-	1
Krenak	Macro-Jê	Botocudo	Em situação crítica	1
Kokama	Tupi	Tupi-Guarani	-	1
Mbya-Guarani	Tupi	Tupi-Guarani	Vulnerável	1
Nheengatú	Tupi	Tupi-Guarani	Vulnerável	4
Pataxó	Macro-Jê	Maxakali	-	1
Rikbaktsa	Macro-Jê	-	Seramente em perigo	1
Terena	Macro-Jê	Aruak	Seramente em perigo	11
Tikuna	Língua isolada	-	Em perigo	3
Tukano	-	Tukano	Vulnerável	9
Tupi	Tupi	Tupi-Guarani	-	1
Umutina	Macro-Jê	Bororo	Extinta	6
Xavante	Macro-Jê	Jê	Vulnerável	8

Fonte: elaboração própria, com base no Questionário Socioeducacional da ProGrad e no questionário do CCI.

Três estudantes afirmaram, no Questionário Socioeducacional da ProGrad, falarem uma língua indígena, porém não encontramos nenhum dado a respeito nas fontes que buscamos. O primeiro caso é de um estudante Xucuru do Ororubá, povo que vive no estado do Pernambuco, que afirma falar a língua Xucuru em seu dia a dia. Silva (2010), em um artigo sobre a história do povo Xucuru, aponta vestígios da língua Xucuru em algumas poucas comunidades, sendo que os sujeitos que tinham algum conhecimento da língua eram pessoas bastante idosas. Uma conclusão que se pode tirar é a de que haja vestígios da língua Xucuru na comunidade em que esse estudante vive e que talvez exista alguma iniciativa de se preservar essa língua.

Os outros dois casos de estudantes que afirmaram, falarem alguma língua indígena e que não encontramos nenhuma informação a respeito nas fontes pesquisadas, foram o de um estudante Pankararu e de um estudante Atikum, também do Estado do Pernambuco, que disseram utilizar uma língua indígena durante seus rituais. Quando vão tratar desses dois povos, os autores costumam afirmar que essas línguas foram extintas devido à grande

[Escriba aquí]

perseguição que esses povos sofreram e ainda sofrem, podemos citar o artigo de Oliveira (2016) como um dos vários exemplos, mas que aparecem vestígios de suas línguas durante práticas religiosas e/ou ritualísticas, como é o caso do Toré, religião ameríndia praticada por esses povos.

Uma constatação que podemos fazer, ao analisar os dados da tabela acima, é do alto grau de fragilidade em que essas línguas se encontram. A língua Terena, com mais falantes na UFSCar, é considerada seriamente em perigo, ou seja, só os representantes mais velhos falam e as crianças já não a entendem. A segunda e a terceira língua mais faladas da instituição, o Tukano e o Xavante, são consideradas línguas vulneráveis. O dado mais emblemático da tabela diz respeito a quarta língua indígena mais falada na Instituição – o Umutina – considerada uma língua extinta. Sobre esse fato, Ariabo Kezo (2015) diz que:

Em torno de 1940, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), (...) atual FUNAI, (...) concluiu que deveria levar indígenas de outros povos para viverem no território Balatiponé [Umutina] (...). Com essa junção, no âmbito social não era possível estabelecer diálogo em outro idioma que não fosse o português, já que, por pertencerem a origens, os indígenas que se deslocaram para a terra Balatiponé não entendiam o idioma local, nem podiam ser compreendidos.

Por estarem em pequeno número, essa situação conduziu ao adormecimento de algumas práticas típicas do povo Balatiponé, como danças, cantos, as próprias cerimônias sagradas (...). O idioma não era ou era pouco praticado no espaço social, mas na esfera familiar algumas famílias o mantinham (2015, op. cit.).

Kezo (2015) conclui que por volta dos anos 2000, graças às políticas adotadas pelas lideranças do povo Balatiponé/Umutina naquela região, buscou-se fortalecer a identidade do povo, com o empenho dos jovens em recuperar a sabedoria dos anciões, verdadeiras “bibliotecas enquanto vivos”, e que dessa maneira ocorreu o que o autor chama de *acordamento* da língua Umutina, que estava adormecida em um espaço social bastante restrito². Graças a essa mobilização da juventude Balatiponé que muitos representantes desse povo acabaram ingressando no Ensino Superior.

CONCLUSÃO

Com as Políticas de Ações Afirmativas, a universidade brasileira mudou e tem agora o desafio de repensar enquanto instituição, afinal de contas, junto da diversidade, veio o grande desafio de gerir as diferenças, as demandas e os conflitos que surgem com a entrada dos sujeitos que ingressaram na vida acadêmica através de políticas de ações afirmativas. A UFSCar, nesse contexto, se torna um oásis de possibilidades para a preservação das línguas indígenas no Brasil, afinal, a Instituição tem o potencial de fornecer meios para pesquisas que podem desembocar em uma série de Políticas Linguísticas no âmbito universitário e nacional, realizando, por exemplo, o equipamento das línguas, ao desenvolver ou aprimorar sistemas de escrita, gramáticas, dicionários, materiais didáticos, entre outros, o que pode garantindo a transmissão dessas línguas indígenas para as próximas gerações, ou ainda, criando subsídios que propiciem o *acordamento* de tantas outras línguas consideradas “extintas” e que, assim como o Umutina e o Xucuru, podem estar apenas adormecidas, sendo utilizadas em espaços tão restritos, como o âmbito domiciliar, que somente um representante daquele povo tem a autoridade e a sensibilidade necessárias para acessar esses espaços de uso da língua.

REFERÊNCIAS

- Cohn, C. (2016). *Uma década de presença indígena na UFSCar*. CAMPOS, Revista de Antropologia PPGA UFPR, v. 17, nº 2, p. 15-34,.
- Kezo, L. A. *Histórico do povo Balatiponé*. In. _____. *Boloriê (2015). A origem dos Alimentos*. São Carlos: LEETRA/UFSCar, p. 6-7.
- Lagares, X. C.; Savedra, M. M. G. (2012). *Política e planificação linguística: conceitos, terminologias e intervenções no Brasil*. Gragoatá (UFF), v. 32, p. 11-27,.
- Moseley, C. (org.) (2010). *Atlas de las lenguas del mundo en Peligro*. 2ª ed. Valencia: UNESCO.
- Oliveira, L. A. (2016). *A língua Pankararu: puxando os fios da história*. 2016. 50 f. Curso Acadêmico – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG), Belo Horizonte.
- Sekki, L. (2000). *Línguas Indígenas do Brasil no limiar do século XXI*. Revista Impulso, Piracicaba – SP. Vol. 12, n. 27, p. 157-170.
- Silva, E. (2010). *História Xucuru, história indígena no nordeste: novas abordagens*. ³Mnemosine Revista, vol. 1, n. 2, p. 64-83.
- Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. (2006). *Proposta de Programa de ações afirmativas para a UFSCar*. Comissão de Ações Afirmativas, Novembro.

¹ Essas informações foram fornecidas pelos estudantes indígenas no ato da inscrição do Vestibular Indígena e podem estar desatualizados, já que, por vezes, um estudante de graduação, independente de suas origens étnica

[Escreva aqui]

ou social, acaba realizando transferência interna nos cursos de graduação, ou ainda, presta vestibular novamente para ingressar em outros cursos, entre outras situações.

² O termo ‘acordamento’ da língua ainda não foi dicionarizado, sendo adotada por Kezo (2015) ao constatar que muito de sua cultura e língua não havia desaparecido, já que os membros de sua comunidade praticavam os elementos culturais e linguísticos próprios de sua cultura materna, crendo serem práticas comuns à cosmovisão do mundo ocidental. Somente quando houve o processo de retomada cultural que eles perceberam que muitas de suas práticas estavam “adormecidas” dentro deles, sendo utilizadas em espaços e em contextos muito restritos e que por isso, essa comunidade teve a perspectiva de que essas práticas estavam “acordando”.